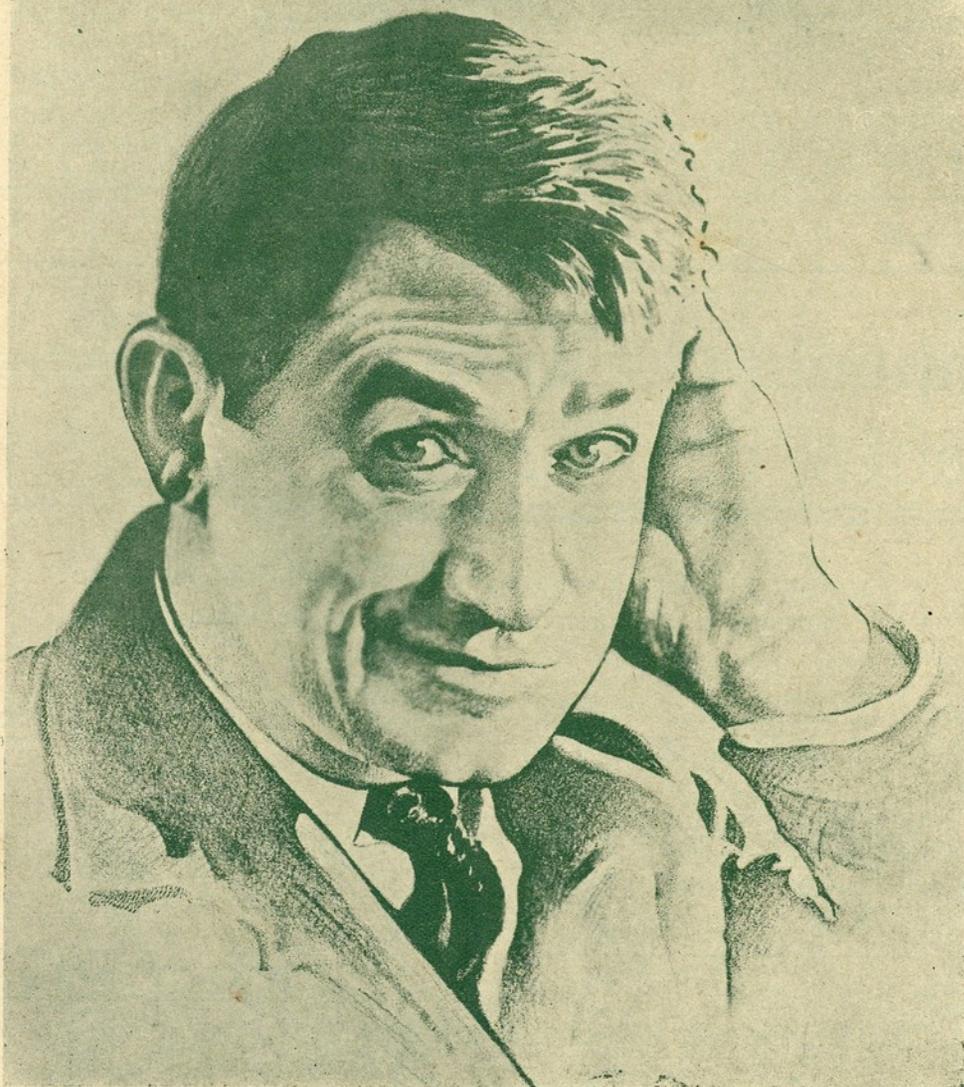


Inivicta Cine

ANO X

N.º 175



WILL ROGERS

SEMANARIO ILUSTRADO
DE CINEMATOGRAFIA

PREÇO

50
c⁰⁵



INVICTA-CINE

SEMANÁRIO ILUSTRADO DE CINEMATOGRAFIA

-SINGRANDO CONTRA TODAS AS PROCELAS-

DIRECCÃO E EDIÇÃO DE:
ROBERTO LINO
E
SOUTINHO D'OLIVEIRA
REDACTOR PRINCIPAL:
ALVES COSTA
ADMINISTRADOR:
JOAQUIM TEIXEIRA
PROPRIEDADE DA
EMPRESA INVICTA-CINE

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO PROVISÓRIA:
RUA DAS MUSAS, 45-PORTO (PORTUGAL)

ANO X
Número 175
PORTO
2 DE JULHO
1932

REDACTORES:
LISBOA: FERNANDO BARROS
E AGUINALDO MACHADO
PARIS: DANIEL MAYBON, ROBERT
GAILLARD, GEO POIRIER E MAURICE
HILÉRO
NOVA-YORK: ARTUR COELHO
VIENA (AUSTRIA): FRITZ MIKO
ROMENIA: SAMUEL STEINBERG
COLABORADOR ARTÍSTICO:
FERNANDO LACERDA

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIPO-LITO
GONÇALVES & NOGUEIRA, LIMIT.-PORTO

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Companhia Cinema- tográfica de Portugal

tem a honra de apresentar ao público do Pôrto
durante o corrente mês de Julho os seguintes filmes:

O Tio Sam na Côrte do Rei Artur,
com Will Rogers

Milícia da Paz, com Fritz Kampers
e Paul Norbiges

Beija-me outra vez, com Ber-
nice Claire

Mulheres de todas as nações,
com El Brendel
e Grete Nissen

As Noites de Viena, com Vivienne
Segal e Alexander Gray

no Aguia d'Ouro

no Trindade

no S. João-Cine



Myrna Loy, a encantadora intérprete do fonofilme « O Tio Sam na Córte do Rei Artur » que na próxima semana se estreia no cinema Aguia d'Ouro.



LEGENDAS E SPEAKERS

— Temos andado arredios das lides jornalísticas cinematográficas; temos deixado em amena solidão as páginas da *Invicta*, as quais, valha a verdade, nada têm perdido com a nossa ausência . . .

Não tem sido as viagens por algures que nos tem afastado do nosso lugar; mas, o continuo *struggle for life* que não nos permite atender a todos os assuntos a um tempo.

Quem dera, poder já ter havido ocasião de ir vêr um pouco da paisagem do Minho, analisar-lhe as alvoradas e os poentes nesta quadra do ano em que o sol o doira, o torna dum belo sedutor e amigo!

Mas não, à luz do sol, ao bucolismo da natureza, tem sucedido em nós, a luz do arco voltaico projectando sobre o « écran » outra natureza, mas falha de côr; mais bela — quem sabe? — do que aquela que amamos, o nosso torrão natal.

As actualidades, os documentários, os jornais sonoros, têm trazido até nós notas de tôdas as qualidades, notícias da política internacional, factos e sucessos sensacionais, vidas privadas de soberanos no exílio, usos e costumes de diferentes povos.

Mas, algumas destas notícias, cuja visão nos encanta e faz despertar em nós curiosidade, têm sido prejudicadas por um homenzinho, ao que parece parisiense aporuguesado, que se entretém de vez em quando a dizer asneiras sucessivas, que tornam os filmes documentários, na zona aporuguesada por este *speaker*, uns bons pedaços de uma hilariante farsa. As asneiras e atropêlos do português feito por este cavalheiro, merecem já da casa alugadora e distribuidora destes filmes uma valente dúzia de palmatoadas. O cinema fez-se para educar, e não se deve dar a certos detractores dele, que ainda até bem pouco o consideravam escola do crime e da imoralidade, ensejo para que o acusem de mais alguma coisa. Um *speaker* como o que se exhibe em certos documentários sonoros, é indigno de tal, primeiro, porque estraga o filme com o seu risivel português, segundo, porque é uma prova de mau gôsto e além disso, parece destinar-se a fazer uma afronta aos portugueses.

Linguagem como aquela, a falar em *crâteras*, *armisticio* e muitas outras brincadeiras de mau gôsto, consegue-se nalgum descarregador da alfândega, talvez menos pretencioso que o tal *speaker* de trazer por casa. Urge remediar este inconveniente, lembrando à casa produtora, para que não inclua tal pasquim falante nos documentários.

Outro mal de que está novamente enfermado o cinema, são as legendas, que quer na parte gráfica, quer na parte sonora têm apenas a classificação possível de detestáveis.

Quanto à parte sonora, não nos importa, nem queremos saber se os laboratórios estão bem ou mal apetrechados; o que sabemos é que o público paga e paga bem, tem portanto de ser bem servido. Se contando com a benevolência dêsse mesmo público os senhores distribuidores, com excepções, não são zelosos na confecção dos seus programas, o certo é que pôde ser que um dia êsse mesmo público se resolva a ser exigente e os exhibidores não podem nem devem sofrer os êrros dos outros. Portanto, já era tempo de se olhar para isto, já que tantas imposições e alcavalas se fazem cair sobre o exhibidor; não vai há muito

tempo que o Pôrto ouviu um aplaudido filme totalmente estragado por umas legendas que só teriam justificação, numa terra de pretos ou quando muito num filme de cavalgadas fantásticas.

Claro, que não desejamos legendas pelo *noiless sistem* mas queremos coisa que se ouça sem enfado.

Quanto ao português das legendas é um escarro tal droga. Não pôde actualmente dizer-se que estão escritas em língua brasileira, pois o acôrdo de 1931, igualou as ortografias, mas pôde fazer-se notar ali uma demonstrada incompetência, à parte um *nonchalance* imperdoável.

De há anos que se vem lutando pela ortografia das legendas. Todos os jornais de cinema têm abordado o assunto, todos têm procurado dentro das suas possibilidades fazer conseguir qualquer coisa de bom; pois a-pesar-de tantas lutas, que já duram umas décadas, parece que voltamos, em legendas, com o advento do sonoro, ao tempo de « Os mistérios de Nova-York » ou qualquer outra jarocada, das que deliciarão os nossos pais.

A' Inspecção Geral dos Espectáculos compete pôr um dique a êste estado de coisas. O público paga, o público deve ser bem servido, porque se o não fôr pôde e deve exigi-lo.

Além disso sacrificando os alugadores, os exhibidores, com uma obrigatoriedade de exhibição de choldras por cada programa bom exhibido, parece, que êsses programas que acarretam tais encargos, deveriam ser splendidamente constituídos de molde a poderem dar receita suficiente para depois cobrirem os fiascos das tais exhibições secundárias. Enfim, isto são processos de negociar que não nos interessam, senão pelo mal que daí resulta para o público.

O que é necessário para momento é o assunto das remendadas legendas, grialhadas até mais não poder ser, com um som horrivelmente impressionado que ora produz autênticos ruidos de metralhadoras, ora trovoadas ou Zés Pereiras.

São defeitos de fácil emenda, para os quais bastará apenas a atenção dos senhores distribuidores e o apetrechamento condigno dos seus laboratórios, certamente funcionando em idênticas condições do tempo do cinema silencioso. Ninguém será prejudicado com uma perfeição crescente do cinema sonoro, que criará assim maior número de adeptos; o contrário é perigoso para qualquer facção cinematográfica.

Quando lá fóra há um esmêro crescente na confecção e apresentação dum programa, no nosso país, essa finalidade é de dia para dia descurada; se o filme é bom, os complementos são maus ou vice-versa, nos programas que normalmente nos são apresentados pelas nossas casas de espectáculos, e nós sabemos bem que tal defeito não vem dos exhibidores, mas sim, dos péssimos processos de organização dos senhores alugadores e distribuidores.

Como dissemos, é tempo de emendarem tal rotina adoptando outra, que atraia mais o público; é esta a nossa opinião e vontade mas oxalá não estivéssemos a prêgar a surdos.

Isso é copiar, Marquês??...

Ao lermos há dias uma crítica de *O Comércio do Porto* sobre a *Atlantida*, o grande filme de Pabst que acaba de passar nesta cidade, constatamos que não nos eram estranhas as palavras do crítico daquele jornal. Já havíamos lido aquilo em qualquer parte. Vasculhamos o arquivo e com facilidade vimos a confirmação das nossas suspeitas — a crítica do *Pour Vous*. Para que não haja qualquer dúvida, pômos as duas em foco, reproduzindo as partes em que a crítica do *Comércio* não é mais do que uma tradução. E os leitores leiam:

«*Pour Vous* de 9 de Junho:

« On se souvient du beau film muet que réalisa Jacques Feyder. G. W. Pabst a été séduit à son tour par cette humaine féerie, cette confrontation du rêve et de la réalité alliée à une exposition ...

« *L'Atlantide* a-t-elle existé? Vestige d'une civilisation disparue, engloutie par l'océan de sable, proie millénaire du désert africain ...

« G. W. Pabst, avec la collaboration de notre ami Alexandre Arnoux et de Vadja, qui firent la adaptation, de M. Jacques Deval, qui écrivit les dialogues, a réalisé, nous l'avons dit, un très beau film, une évocation saisissante et diaprée d'une légende dont le pouvoir de suggestion garde une rare puissance d'allucination ».

« Ajouterons-nous, mais on l'aura déjà deviné, que la qualité de la photographie est, à proprement parler, incomparable? *L'Atlantide* est, en vérité, un film d'art. Et somme toute, on peut, jusqu'à présent, les compter.

« Ses interprètes sont à la hauteur de l'oeuvre. Brigitte Helm nous fascine et nous surprend, hiératique illuminée, parée de bijoux et drapé à l'antique. Et quelle démarche impressionnant!

« Pierre Blanchar, nostalgique, frémissante, bouleversé, a campé un extraordinaire lieutenant de Saint-Avit, dont la voix aux inflexions de bourdon voilé est pleine d'humaine doceur et d'émouvante angoisse. Jean Angelo, mâle et fier est un capitaine Morhange dont on comprend qu'Antinéa subisse le charme. Tela Tchai, la servante, a bien beaux yeux dans un visage oriental à souhait. M. Wladimir Sokoloff est étourdissant et délicieux dans son rôle d'hetman de Jitomir, alcoolique rentier à la solde d'Antinéa.

« Et M.lle Florelle, dans une scène trop courte, montre son visage rieur, ses jambes alertes et son pouvoir de séduction.

« Est-il possible d'imaginer une Antinéa plus séduisante, plus impregnée d'irréel et d'onne sait quel montrueux et felin idéal que la belle Brigitte Helm, onduleuse, capricante, magesté dont l'âme est d'Orient e le fin profil athénien ».

«*Comércio do Porto* de 21 de Junho:

« Jacques Feyder já realizou um belo filme mudo sobre a «*Atlantida*». G. W. Pabst deixou-se, por sua vez,

seduzir pelo surpreendente romance dêsse narrador mágico que é Pierre Genoit e fez a «*Atlantida*» — vestígio duma civilização desaparecida, tragada pelo oceano de areia, presa milenária do deserto africano... Depois do que escreveu Pierre Benoit e da realização cinegráfica de Pabst — a gente quasi que não duvida da existência da *Atlantida* e dessa sedutora Antinéa, enigma radioso, perturbante e felino ...

« G. W. Pabst, com a colaboração de Alexandre Arnoux e de Vadja — que fizeram a adaptação — de M. Jacques Deval — que escreveu os diálogos — realizou, já o dissemos, um belo filme, a adorável e surpreendente evocação duma legenda misteriosa cujo poder de sugestão conserva, como certas flores orientais, um perfume de mistério que vai até à alucinação. A obra de Pabst é maravilhosa. O ambiente é-nos dado com flagrância — mesmo nos menores detalhes. Exteriores encantadores e interiores soberbos. Sabe-se que Pabst, é um mestre, um grande artista. Este seu novo filme é bem digno dêle. E' impossível tirar melhores e maiores efeitos com as résteas de ouro do sol e os claros-escuros da sombra; com as pedras brancas ou as pedras de ocre de Africa; com os Touareg de altas estaturas, plenos de raça, e os meharas que povoam o deserto; com a imensidade do deserto e a marcha das caravanas.

« Ajuntemos a tudo isto uma fotografia verdadeiramente impecável, duma bela luminosidade e uma sincronização perfeitíssima. «*Atlantida*» que é falada em francês — é em verdade um filme de arte. E podem contar-se, até agora, os que o têm sido dignos de assim se chamarem, ...

« Os intérpretes estão à altura da obra.

« Brigitte Helm — a «*exquise*» Brigitte — que já vem do «*silencioso*» com um nome consagrado — faz a «*Antinéa*». Fascina-nos e surpreende-nos; hierática, iluminada, sibilina, paramentada de joias e vestida à antiga. Andar impressionante, atitudes cheias de ritmo. Impossível dar uma «*Antinéa*» mais dentro do ambiente da acção; sedutora sensual, ondulante, caprichosa — magestade cuja alma é do Oriente e ateniense o fino perfil, mulher que tem, ao mesmo tempo, o seu quê de captiloso e encantador, de monstruoso e felino.

« Jean Angelo, másculo e áttivo, é um «*Capitão Morhange*», bem expressivo — «*vivendo o papel*» com o relevo preciso. Pierre Blanchar, nostálgico, fremente, transtornado, faz com flagrante verdade o «*Tenente Saint-Avit*», cuja voz de inflexões veladas e plena de docura humana é de emocionante angústia. Odette Florelle — um nome que se vai popularizando entre nós —, numa cena muito curta, mostra o seu poder de sedução e o seu brilho de actriz. Tela Tchai, a criada, tem belos olhos num aliciante rosto oriental; tem expressões magníficas. Wladimir Sokoloff, no chefe de protocolo de Jitomir, tem uma óptima criação, de fina e interessante comicidade.

« Belo o comentário musical!

« No programa — que se repete tôda esta semana — há encantadores complementos ».

Como os leitores estão vendo, aqui há apenas uma diferença (como dizia o M. Jordão da *Maria Rita*): é que uma crítica foi escrita em francês e a outra ... em português ... Será plágio? ...

FITAS FALADAS...

Uma visita à Quinta das Conchas

Num carro do Lumiar, o único meio de transporte para a Quinta das Conchas, excluindo o transporte automóvel, do qual a nossa sensibilidade de homem económico, acionista da S. P. F. S. T. K. F. não permite que falemos, fomos poisar as nossas nálgas num dos bancos instalados à direita do carro. Ao nosso lado, encontrámos um cavalheiro, mais ou menos estilo de astro de «Nazaré terra de pescadores» mas com a cara por lavar, capuz enterrado até às orelhas, barba à passa-piôlho, e um penetrante cheiro que o identificava como proprietário de minas de transpiração situadas na parte inferior das pernas.

Do outro lado, do lado esquerdo, seguia uma mulherzita, tipo rude de lavadeira, com uma trouxa de roupa ao colo, de lenço na cabeça, a caír-lhe para as costas, e de luto nas unhas, que discutia com a sua vizinha do banco, quaisquer pormenores que me pareceram culinários, visto falarem muito em cebolas e colheres de pau — tratava-se naturalmente, de algum estrugido.

Em todos os outros bancos seguiam tipos idênticos, característicos dos chamados saloios.

Aquele ambiente de ignorantes dava-me a impressão de estar num país distante da civilização, do cinema. Não sabiam responder-me, quando eu lhes perguntava onde ficava a Quinta das Conchas, onde se vai instalar um estúdio para fazer filmes. Sabiam lá! Talvez a conhecessem, mas por outro nome. Talvez seja a Quinta do *Zé Galo* ou a Quinta do *Rais te Parla*.

Segui no carro eléctrico, sem saber onde era a Quinta das Conchas, se àquem, se além do *terminus* da linha dos eléctricos. Olhava para tudo o que tivesse verdura. Uma senhora vestida de verde, com um ramo de flores deitado sobre o braço, no *travelling* rápido de imagens que me oferecia o carro, parecia-me ser a Quinta das Conchas.

Que contraste!

Finalmente, depois de ter os sapatos cobertos de poeira, o fato com os mesmos ornamentos de um fato velho, e o cabelo despenteado, consegui encontrar a Quinta das Conchas, no lugar onde ela está sempre, afinal.

É uma Quinta reduzida a um quinto da antiga Quinta das Conchas. Para lá entrar, usei um estratagemma muito inteligente mas o resultado foi contra-productivo.

Há um chalé, dentro da Quinta, que se encontra com escritos. Bôa! entusiasmei-me, e sem cerimónia, vá de tocar à campainha. Apareceu uma saloia que me perguntou o que desejava, mostrando-me uma dentadura coberta de manteiga.

— Este chalé, que está com escritos, é para vender? ó tia Maria. Que sim, respondeu-me.

— E pôde-se vêr?

— Faça favor de entrar.

Subi uma ruasita de poucos metros e entrei no chalé. Logo à entrada, numa casa ampla, um casal de velhotes merendavam e quiseram por fôrça que eu saboreasse uns *pastelinhos muito fresquinhos* que eu via cobertos com o mel de umas mósca que ainda evoluçionavam perto. E não tive desculpas que me valessem; comi os pastéis, mas os marotos, realmente, estavam saborosos, souberam-me bem, e

se não fôsse vêr outra chusma de mósca a largarem mais mel nos outros pastéis, ainda comia mais alguns.

Fui até ao primeiro andar, e conforme abria as janelas elogiava as casas e disparava a minha *kodak* em todos os sentidos e direcções.

— Muito bem. E o preço? — perguntei à saloia, depois de ter feito uns três instantâneos.

O preço era para tratar na rua do Ouro, numa casa comercial.

Já no portão, depois de ter agradecido aos velhinhos os bôlos que me ofereceram, perguntei à saloia:

— Isto também pertence à Quinta das Conchas, não é verdade?

Quási desmaiei com a resposta:

— Não senhor. Já não pertence.

— Mas aqui está uma taboleta...

— Pois está, mas a Quinta das Conchas, agora, é só aquela parte.

E apontou-me um prédio de esquina que fórma a frente do terreno onde se vai construir o estúdio.

Bonita figura! — pensei. — Mas vou entrevistar as paredes da Quinta. É um prazer muito meu, falar com as paredes:

— Sobre os filmes a produzir? Ainda não sei o que se fará. Mas parece-me que há uma ideia — enviada para o concurso — com grandes probabilidades para ser filmada,

— Que assunto fôca?

— À vida de um morto. E também me parece que essa ideia é de *Vossemeccê*.

Esta do *Vossemeccê*, deixou-me engasgado, mas continuei:

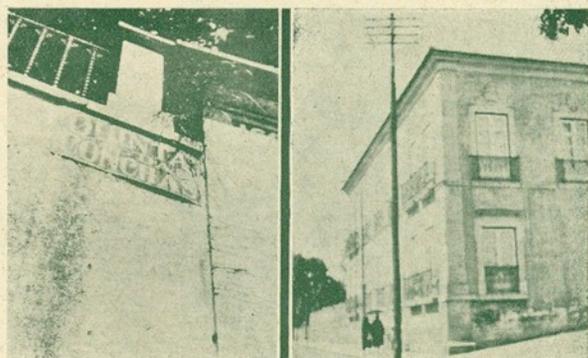
— Acha que eu poderia exercer a minha actividade dentro do estúdio?

— Sim, a fazer bancos, como o senhor é o Faz... bancos.

— Mas para quê?

— Para o pessoal do estúdio. Um banco, pelo menos, comprava-o um dos realizadores, para evitar de continuar de cócoras.

DOUGLAS FAZ... BANKOS.



A parede que «falou» com o Faz... Bankos e o prédio que vai ser adaptado a estúdio.

Um defensor da arte cinematográfica

Daniel Maybon, redactor da INVICTA CINE

E' em Paris, na margem esquerda, não longe do Champ de Mars: Avenida Rapp para sermos mais exactos, que nós nos apresentamos, Emílio Loubet e eu, nessa famosa sala *Adyar* que de há muito é testemunha das mais belas manifestações cinematográficas que nos é dado assistir.

E' uma grande parte do lindo passado da sétima arte que me lembra esta sala, porque é lá com efeito que são apresentadas duma maneira muito modesta as mais lindas coisas da ciência e da fotografia animada. Tôdas as obras-primas francesas e estrangeiras do mudo e do falante fizeram, duma maneira geral, a sua aparição na tela dêsse cinema; é que na sala *Adyar* comprime-se habitualmente um público conhecedor que não vem ao cinema para dormir pacificamente num bom «fauteuil» olhando e ouvindo distraidamente; para esta categoria de espectadores a sala é demasiado modesta, demasiado nua, demasiado incômoda.

Mas que importância pode ter esta falta de luxo e de conforto para os verdadeiros «fanáticos» de cinema, aqueles que desejam contemplar um lindo espectáculo com o fim de o apreciar no seu justo valor e de estudar como verdadeiros conhecedores que são?

Na Avenida Rapp, a *Tribuna Livre do Cinema* dá semanalmente sessões muitíssimo interessantes sobre as quais eu voltarei a falar; e eis que Daniel Maybon, nosso jovem e distinto colega — do qual os leitores da *Invicta Cine* podem apreciar as belas qualidades de crítico e o bom gosto em matéria de cinematografia — e dois de seus amigos, Marcel Alexis e Vincent Robert conseguiram formar o que se pode chamar um comité de propaganda cinematográfica.

Uma ou duas vezes por mês organizam uma «soirée» durante a qual não são apresentadas senão as melhores obras dum realizador famoso, do qual êles se esforçam por pôr em relêvo o génio e a bôa técnica.

Festival Pabst, Festival Renois, Festival René Clair... eis o que oferece aos parisienses, o nosso

amigo que a despeito das dificuldades práticas e financeiras se esforça por continuar a tarefa ingrata que começou.

Eu não conhecia ainda Maybon; o festival René Clair ofereceu-nos, a Loubet e a mim, a ocasião de lhe apertar a mão. E' um rapaz alto, novo e moreno, muito alto, muito novo, muito moreno e muitíssimo distinto.



O nosso illustre camarada Daniel Maybon

Enquanto nos apresentamos a êle os seus lábios desenhavam um sorriso e os seus olhos vivos e inteligentes redobram de brilho.

— Tôdas as nossas felicitações, meu caro, o que você está tentando força-nos à maior admiração — disse.

— Isto interessa-me, que querem, ... porque eu acho que em Paris êste género de manifestações artísticas fazia um pouco falta e eu penso fazer obra útil organizando estas reuniões. Infelizmente nós nem sempre somos recompensados pelos nossos esforços e muitas vezes não conseguimos cobrir as despesas; mas saiba que nós não perdemos coragem só por causa disso.

— Mas, — perguntei — além dessas dificuldades financeiras, deve encontrar muitas outras e de ordem diversa.

— Evidentemente! ... como tôda a empresa que está nos seus comêços. Há cinco meses que nos lançamos à obra e temos muito que lutar. Sabem quão difícil é arranjar para a mesma noite diversos filmes dum encenador, podendo êsses filmes ser de firmas diferentes? Vocês não ignoram também quais são os inimigos que temos de vencer para apresentar as melhores passagens seleccionadas dum grande filme.

E' bem certo que os nossos três grandes amigos do cinema encetaram uma obra audaciosa e, ao mesmo tempo, útil e inteligente. Devemos felicitá-los e muito particularmente seu chefe D. Maybon a quem cabe a honra desta feliz iniciativa.

Invicta Cine — concordarão — não podia ser senão a primeira a transmitir ao seu jovem colaborador todos os cumprimentos que êle merece pela sua bela acção corajosa e desinteressada.

Paris, Junho de 1932.

G E O P O I R I E R .

N. da R. — Emílio Loubet refere-se ao Festival René Clair no n.º 172 — Ler artigos de Daniel Maybon nos n.ºs 109, 122, 126, 149, 158 e 170.

A matinée do «Cinema»

Na passada terça-feira, realisou o nosso estimado camarada «Cinema» uma magnífica sessão cinematográfica para os seus leitores, com dois dos melhores filmes que se contam na cinematografia: *Romanza Sentimental* de Eisenstein e «*Ruas da Cidade*» de Mamoulian. A «matinée» foi brilhante e fartamente concorrida, merecendo as melhores felicitações, pois constituiu um verdadeiro successo.

Ao «Cinema» agradecemos a gentileza dos convites.

== A «ESTRÊLA» DO SUL ==

Um artigo de F. W. Murnau, falando de Réri e da realização de «Tabú», na Polynésia

Vou contar-vos como uma jóvem, tão bela como um crepúsculo, tão afastada da agitação como o era Lucy Gray de Wordsworth, foi coroada estrêla para um só filme, para em seguida voltar a mergulhar-se na obscuridade.

Ela chama-se Réri, uma estrêla do Sul, nascida nas ilhas do Pacífico, tendo interpretado o principal papel de *Tabú*, a lenda de amor na Polynésia que teve ocasião de filmar a uns cinco mil quilómetros de Hollywood.

Réri vivia na aprazível ilha de Bora-Bora, distanciada cêrca duns quinhentos quilómetros da mais conhecida ilha de Tahiti e que pertence ao mesmo arquipélago das ilhas da Sociedade. E' de todos êsses pedaços de terra espalhados no oceano, o único talvez que a civilização não conseguiu tocar sequer.

Antes do pequeno *yacht* que nos transpostava haver entrado no pequenino pôrto de Bora-Bora, os naturais da ilha não tinham visto ainda um kodak ao menos.

Tive a intuição de que os *tabús* destas ilhas poderiam constituir o têmea da minha história a firmar.

Tabú é sòmente o que a palavra significa: uma proibição lançada, não pelos homens, mas por um poder divino. A' volta desta ideia, eu e Robert Flaherty bordamos uma intriga tão sentimental como simples. Eu sabia que me era impossível realizar um filme extraordinário, se não tivesse a sorte de encontrar actores capazes de viver com verdade os acontecimentos.

Onde procurá-los? Entre os indígenas e não em Hollywood, porque a vontade não vence o tempo, nem lá encontraríamos muitos actores capazes de atingirem as grandes passagens de intensidade dramática que o assunto exigia.

Instalamo-nos em Tahiti com todo o equipamento e estado-maior. Dali partimos à procura dos mais pitorescos lugares e dos seus mais amáveis habitantes. Foi-nos necessário uma cruzada de três meses à volta das ilhas da Sociedade no mesmo pequeno *yacht* em que havíamos já atravessado o Pacífico.

Paramos em muitos outros lugares antes de tocar em Bora-Bora. Quando aqui chegamos vi logo que achara finalmente a «minha ilha».

E' uma pedra preciosa na vastidão do oceano. A ilha não tem mais de que alguns quilómetros e eu dei a volta a pé, da mesma, em sete horas. A sua população não vai além de mil e duzentos habitantes e os indígenas quási nada conhecem do resto do mundo.

Vivem sempre sem qualquer receio.

Espantou-me a sua brancura. Eram naturais da Polynésia, sem traço de mistura. Cabelos lisos e anelados, a pele um pouco colorida devido às condições de existência que levavam numa quási completa nudez sob um sol tropical. Entre êles encontram-se os mais belos e os mais corajosos dos habitantes das ilhas da Sociedade. Antes dos franceses lá entram, Bora-Bora era o centro dum pequeno reino de ilhasinhas, porque a sua população era a mais crente, a mais perfeita fisicamente e contava os melhores guerreiros das proximidades.

Enquanto andamos procurando Bora-Bora, fazíamos ensaios com dezenas de jovens indígenas, para descobrirmos uma capaz de suportar o principal papel.

Encontrei belezas que me surpreenderam, mas havia poucas probabilidades de prestarem a aparecer ante a *camera*. Em Bora-Bora, ouvíamos falar de

Réri uma verdadeira filha daquelas ilhas e de quem tôda a gente louvava a graça e a modéstia.

Mas, ela estava nessa altura noutra ilha e foi-nos preciso esperar o seu regresso.

Assim como já ao primeiro contacto eu sentira que havia descoberto a «minha» ilha, ao ver Réri a primeira vez, compreendi logo que ali estava a *minha estrêla* também.

Ela tinha dezasseis anos, mas possuía um tipo exquisito de beleza juvenil.

Nunca, até então, eu vira tão belos traços, tão linda côr e ainda sôbretudo isso, uns dentes admiráveis. A sua pele era uma azeitona dôce. Era uma mulher tão bela como qualquer das mais perfeitas raparigas de Hollywood, com a pequena excepção que ela apresentava essa ligeira chateza de face que caracteriza as raças oceánicas. Pouco depois, descobri Mahati um perfeito rapaz da costa que se adoptou com facilidade ao papel masculino. Era o melhor nadador do lugar e demonstrou mais inteligência do que Réri.

Levei os dois jóvens ao interior da ilha e impuz-lhes freqüentes e diárias repetições, até que compreendessem perfeitamente, nos mínimos detalhes, o que eu queria. Eles deviam conduzir-se com a mesma naturalidade da sua vida de todos os dias, apenas com as mais precisas indicações sentimentais que eu lhes indicaria.

Comecei o filme e ambos deram provas como qualquer dos mais naturais actores. Um ponto porém me permite esclarecer e insistir e que prova a sua ingenuidade, por mais inverosimilhante que possa parecer: é que, a maior parte das vezes, eu duvido que êles tenham compreendido a sua situação de «interpretar». Eles consideram os aparelhos de filmagem como uma espécie de ornamentos religiosos e nós lhes parecemos talvez um pouco acima do nível humano, como seres capazes de sugerir a tristeza ou a alegria.

Depois de seis meses êles tinham concluído o seu trabalho, como cênas realmente notáveis. Então e só no fim da filmagem tôda, mostrei a Réri as passagens que ela interpretára. Não podeis imaginar ninguém mais ingénua, nem mais tímida. A jóvem manifestou um tal embaraço, que, quando a luz se acendeu após a projecção, escondia a face nos seus braços.

E então eu vim mostrar a minha obra ao mundo, deixando



(Continua na última pag.)

Réri

— O General Osório deve estar a atracar a estas horas, — disseram-me na agência enquanto eu adquiria o bilhete para ir a bordo.

Corri para um taxi e gritei ao motorista: — para o cais de Alcântara, a tôda a velocidade.

O auto quási voou, e cheguei ao cais no momento em que o paquete fazia as últimas manobras para atracar. Lá em cima, numa das amuradas, distinguia-se a fisionomia conhecida de Jean Murat.

Dez minutos depois, eu era das primeiras pessoas a entrar a bordo.

Jornalistas, fotógrafos, cinéfilos, simples curiosos, tudo se precipita para ver a embaixada que a «Ufa» envia até nós, para filmar em Lisboa alguns exteriores do filme *Stupéfients*.

Tiram-se fotos, filmam-se aspectos, há inúmeros pedidos de autógrafos.

Jean Murat promete-me uma entrevista para o dia seguinte, no hotel, e eu deixo-o às voltas com imensa gente que o quer conhecer.

Não sei como, encontro-me em frente de Peter Lorre o grande intérprete de *Malou*.

Entabulamos amena conversa, que dura até nos encontrar-mos já em terra, onde, por intermédio do grande actor alemão sou apresentado a Carl Hoffmann, o maior operador europeu, ao conhecido Hans Albert e a mais algumas pessoas da «Ufa».

Despedimo-nos daí a pouco, combinando um encontro para as sete horas no Avenida-Palace.

A's sete tanto quanto possível em ponto bato à porta do quarto de Peter Lorre.

Mais uma vez se mostra gentilíssimo comigo, obrigando-me a sentar, a fumar um excelente *Camel*, e oferecendo-me duas fotos, uma para a *Invicta Cine* e outra para mim, com gentilíssimas dedicatórias que me pediu que traduzisse, para que as pudesse escrever em português.



Peter Lorre

A propósito da troupe da «Ufa»

que actualmente encontra em Lisboa

Entrevistando Peter Lorre e Jean Murat

E a entrevista principia:

— Peter Lorre, conte-me alguma coisa da sua vida e a maneira como começou a trabalhar no cinema.

E Peter Lorre começa:

— Eu não sou, como muita gente julga, alemão. Sou húngaro. Cheguei a Berlim com vinte anos e trinta marcos no bolso.

Consegui entrar para o teatro, onde pouco a pouco fui ganhando nome, até que um dia, desempenhando o principal papel duma peça do grande dramaturgo Wedekind, Fritz Lang viu-me e contratou-me para fazer o intérprete de *Malou*.

Graças a este grande realizador triunfei no cinema. Deixe-me dizer-lhe que o papel que desempenhei naquele fonofilm exigiu de mim um tal esforço, que a cada passo tinha trinta e nove graus de febre e era obrigado a ter constantemente um médico junto de mim.

— E em *Stupéfients*, que papel desempenha você?

— Neste filme encarno o chefe duma quadrilha que se dedica ao comércio de cocaína e ópio. Por causa dêste papel fui obrigado a rapar o cabelo.

E, tristonho, mostra-me a cabeça, lisa como um melão,

Fala-me em seguida dum filme da autoria dêle, em cujos argumento e planificação trabalha há mais dum ano, e que conta principiar em breve nos Carpatos. Refere-se ainda ao papel que fará num dos próximos filmes de Pabst, por quem êle tem uma grande admiração.

Nisto, alguém o chama ao telefone. E' obrigado a descer ao hall.

Pede-me que o acompanhe e descemos a escada, lado a lado, enquanto eu, involuntariamente, assobiava a conhecida ária de *Malou*, o que fez sorrir o meu entrevistado.

Em baixo Peter Lorre diz-me que tem de partir naquele momento para o Estoril, e combinando encontrarmó-nos no dia seguinte, à hora da filmagem, despedimo-nos.

A' saída do hotel tropecei numa criancinha e involuntariamente, ia-lhe quási a dizer:

— Foge, meu menino que vem aí o Papão.

E vim até casa a rir-me, só de pensar na fôrma como um homem tão simpático, que é incapaz de fazer mal a uma môsca, consegui convencer milhares de pessoas de que era um terrível e anormal assassino de crianças.

Lisboa, Junho de 1932.

FERNANDO

Ainda não há vinte e quatro horas que conheço Jean Murat, e tenho já a impressão de que somos velhos amigos.

Ontem, depois de lhe ter falado a bordo, estive-mos a beber cerveja e a conversar no bar do Avenida-Palace, e já hoje estive com êle para que me desse algumas fotos que ontem estavam ainda perdidas no fundo de uma mala qualquer.

Conversamos imenso, não com o ar convencional duma entrevista, mas absolutamente à vontade, rindo-nos, contando anedotas como dois bons camaradas.

Jean Murat declara-se encantado por voltar a Portugal, país onde êle começou a sua carreira cinematográfica, trabalhando em *Os olhos da Alma* e em *A fonte dos Amores*.

Adora Portugal pelas suas paisagens, pela afinidade que nota entre portugueses e franceses, porque aqui tôda a gente fala a sua língua, enfim, por tudo.

Deixa vez demorar-se-à apenas uns seis ou sete dias e sobrecarregado de trabalho, mas no próximo inverno tenciona vir passar uns quinze dias sozinho ao Estoril, que êle considera mais bonito e de melhor clima que a própria Riviera.

Vem de Paris, no seu automóvel, para poder descansar plenamente.

— Previno-o, Jean Murat, de que não acredito que consiga êsse socôgo. Você não calcula o que são as cinéfilas portuguesas. Feras, autênticas feras que não o deixarão um

momento socegado com pedidos de autógrafos, de fotos, e eu sei lá de que mais...

Jean Murat ri-se.

— Descanse, meu amigo, eu farei o possível por vir incógnito. E de resto, você compreende, essas perseguições nem por isso são desagradáveis...

Jean Murat mostra grande interesse—exatamente como Peter Lorre—em saber o que pensam dêle em Portugal, como são acolhidos os seus filmes, e sou obrigado a apontar-lhes num jornal os nomes dos cinemas onde foram exibidos os filmes que interpretou.

Confessa-se surpreendido com o progresso que Lisboa fez de há 10 anos para cá, e fala-me também das belezas do Bussaco, de Coimbra e do Pôrto que êle conhece, embora mal.

— E das mulheres portuguesas, que pensa você?

— Oh, por amor de Deus, mal as conheço. Tenho no entanto uma grande simpatia por elas.

Costumo receber imensas cartas de Portugal pedindo-me fotografias, pedidos que eu satisfaço da melhor vontade. E diga mesmo na *Invicta Cine* que as suas leitoras sempre que me mandem pedir fotos, serão atendidas com a melhor das boas-vontades.

— Ouça, Murat: antes dos *Olhos da Alma* você nunca tinha feito cinema?



Jean Murat

— Não, ou por outra, sim, mas uma coisa pequenissima, sem importância alguma. Estava eu em New-York, onde com uns amigos entrei num estúdio e por brincadeira fiz um pequeno papel de figuração. Onde comecei verdadeiramente a trabalhar foi em Portugal.

— E' verdade que você foi combatente da Grande Guerra?

— Certamente! Servi na cavalaria onde fui ferido e depois passei para a aviação.

Jean Murat, que é viajadíssimo, tem um feitio irrequieto e aventureiro, que se mostra a cada passo, em pequenos nada.

Como eu lhe perguntasse a certa altura se êle agora estava contratado pela «Ufa», responde:

— Sim, contratado para fazer o filme cujos exteriores vimos filmar a Portugal. Depois é natural que para a mesma casa faça outro filme, produzido por Eric Pommer.

No entanto, não sei ainda bem. Nunca aceito contratos de longa duração. Gosto de estar sempre livre, para, um dia em que me apeteça mandar o cinema à fava, o possa fazer sem ter de dar satisfações a ninguém.

— De tôdas as actrizes que contracenaram consigo, quais são as que mais admira?

— Em primeiro lugar Marie Bell, uma formidável artista, embora não goze de muita popularidade entre o grande público. Depois, gosto imenso de Annabella e de Kate de Nagy.

Falamos também da Lilian Harvey, de quem Jean Murat é muito amigo mas com quem nunca trabalhou.

Achou imensa graça ao saber que ela era a Madrinha da nossa revista, e prometeu dar-lhe um grande abraço em nome dos rapazes da *Invicta Cine* e dos leitores, logo que a encontrasse em Berlim.

Lisboa, Junho de 1932.

FERNANDO

Visto e interpretado por Conrad Veidt

«A vida de Grigori Raspoutine, uma das mais incríveis que a história tem conhecido, é hoje, dezasseis anos após a sua morte, o assunto mais notável de tôdas as lendas de taumaturgos idênticos, mesmo dos que viveram muitos séculos antes.

Esse simples aldeão da Sibéria, que em tão pouco tempo se tornou o inspirador do Tzar e que era no fundo o verdadeiro soberano da Rússia, interessa hoje muito mais ao público, do que nos tempos em que viveu. As biografias, as inumeráveis memórias publicadas por alguns amigos, por conhecidos e inimigos até, em todos os jornais do mundo, são uma prova frisante dessa popularidade.

Quando me ofereceram para interpretar o papel dêsse estranho monge, eu hesitei em aceitá-lo. Confesso que até então nunca eu tivera lido com atenção o que se escrevera acêrca de Raspoutine e o carácter diabólico que se lhe atribuía tão livremente decidira-me a recusar semelhante papel.

Havia já bastante tempo que me confiavam a interpretação de personagens satânicas. Eu garantivos que nada tenho de satânico, nem quero crear tal reputação . . .

Quando porém Adolf Trotz o realisador do filme me expôs a sua maneira de conceber o personagem, que êle me descreveu como um homem simples que pela sua vitalidade, pela sua astúcia e senso, exercia influência incrível, conformei-me mais com a idéa de interpretar o papel.

Li então tudo o que se escreveu sôbre Raspoutine e sobretudo as memórias dos seus assassinos, o príncipe Yonsouppoff, e o deputado Purisch, as do seu secretário Simonowitch e de sua filha Maria Raspoutine, além dum grande número de outras obras.

As memórias descrevem Raspoutine um forte carácter, mas quási sempre vevélam-se escritas numa maneira muito especial, talvez porque os autores tenham querido salientar-se. No entanto, lendo-se com atenção tôdas as memórias aparecidas, chega-se a fazer uma idéa justa do que foi êsse homem: um aldeão cheio de energia e de saúde—isso é que é incontestável—exercendo um grande ascendente sôbre o seu semelhante.

Quando chegou a São Petersburgo, curou o *tsar-witch* e soube conquistar a simpatia do *tsar* e da *tsarina*. Dum momento para o outro tornou-se um ditador. Tendo uma grande influência sôbre o Tzar, carácter indeciso, êle tornou-se o homem mais potente da Rússia—umas vezes cheio de bondade, outras tão preverso e tão selvagem como um animal, que se entregava a desenfreadas orgias, para dentro de algum tempo depois se acalmar numa atitude de santo. Foi então que êle começou a tornar-se um pouco «comediante»; as homenagens da sociedade de São Petersburgo tornavam-no pretencioso. Julgava-se superior a todos os que o adulavam e divertia-se de bom grado ora favorecendo-os, ora

vai para férias

Do nosso camarada Alves Costa recebemos a carta que segue:

Meu caro Roberto Lino:

Não chame traição, não chame infidelidade ao que eu vou fazer. Duma ou doutra coisa eu seria incapaz. Além disso, você sabe que sou muito seu amigo e que estimo a *Invieta* tanto como você. Mas hoje sou obrigado a desertar. A desertar, sim, mas não para sempre. Estamos às portas do verão, com os seus dias de calor, com os seus dias de sol brilhante, convidando-nos para um repouso saudável à beira-mar ou no campo, em qualquer parte longe da balbúrdia da cidade, longe das preocupações cotidianas, mesmo longe dos cinemas, que eu continuarei visitando, mas irregularmente, e onde os últimos filmes duma época que se finda pouco nos convidam a ir vê-los passar sôbre os «écrans». E depois, eu preciso de descanso. Durante uns meses não quero pensar em cinema, não quero preocupações jornalísticas, não quero o ar viciado da cidade. Quero descansar, quero respirar o ar puro dos campos, quero estender-me ao sol à beira-mar . . . sem ter de desancar o Robert Z. Leonard por causa de *No Alegre Madrid*; sem querer saber do José Mojica que se esganiça todo no *Príncipe que nunca amou*; sem me interessar nada pelas situações misteriosas de *Fantomas*; sem ter de lamentar que Pabst tenha abandonado o brilhantissimo caminho que abriera com *4 de Infantaria*, continuara com *A Ópera dos 4 vintens* e *A Tragédia da Mina*, para levar à tela a *Atlântida* de Benoit, fazendo um filme lindo mas . . . cheio de mas . . .

E eis tudo meu caro Roberto Lino. Durante uns meses abandono a sua revista . . . mas voltarei. E sempre que sinta saúdaes virei até estas colunas dar um ar de minha graça, pode crer . . . porque o cinema é uma amante que nunca se abandona, é uma paixão que fica cá dentro enraizada para sempre . . .

Abraça-o o amigo certo

A L V E S C O S T A .

destruindo-os e arruinando-os. Começou a sentir prazer em aproveitar-se das mulheres que os próprios maridos lhe mandavam para conseguirem certas vantagens.

O personagem concebido assim—de acôrdo com o verdadeiro carácter de Raspoutine—era naturalmente agradável a qualquer actor e eu aceitei-o.

Digo-vos finalmente que raramente tenho interpretado um papel com tanto entusiasmo e «entrain» como êste de Raspoutine.

Sublinho ainda o perfeito entendimento que houve da parte de todos os colaboradores do filme, Adolf Trotz realisador, Curt Courant operador e o professor Arnstam assistente, para que resultasse uma obra agradável à volta da minha figura.

C O N R A D V E I D T .

Tio Sam na Côrte do Rei Artur

Mise-en-scène de David Butler
Segundo o romance de Mark Twain
Edição da «Fox-Film»

Will Rogers	Hank
Maureen O. Sullivan	Alisante
Myrna Loy	A rainha Morgane
Frank Albertson	Clarence
William Farnum	O rei Artur



Numa tarde de tempestade, o jovem Hank, electricista ia levar as baterias de T. S. F. ao castelo da sua aldeola, quando viu um espectáculo invulgar.

Uma mulher de porte distinto, que parecia pertencer à velha aristocracia, estava injuriando um rapaz e uma rapariga que tentavam fugir. Pedia que caíssem sobre eles tôdas as maldições do céu, mas quando o amor enche os corações jovens as orações não ouvem nada.

Hank compreendeu que nada lucraria em ser intrometido e portanto que seria melhor não se importar com o assunto. Retomou a sua marcha para o castelo. Aí, foi recebido por um bizarro personagem que assentado diante do maior aparelho de T. S. F. do mundo, dizia:

— Ides ouvir a vida dos séculos passados.

Apenas tinha pronunciado estas palavras, um som de trompa retiniu e uma voz forte anunciou a Hank que se encontrava na côrte do rei Artur. Hank esfregou os olhos perguntando a si mesmo se não seria vítima dum sonho, mas, neste instante brilhou um relâmpago, que o fez perder a noção das coisas.

Quando voltou a si estava no meio dum campo e marchava à sorte, quando um cavaleiro revestido de armadura, se precipitou sobre êle e o conduziu à prisão. Hank não compreendia nada do que se passava e entregava-se às mais sombrias meditações, quando apareceu junto dêle um jovem pintor a quem interrogou:

— O que faz aqui?

— Estou na prisão como vós — disse o jovem — chamo-me Clarence e tiraram-me a liberdade porque usei amar Alisante a filha do rei Artur.

Hank que tinha bom coração prodigalizou consolações ao seu camarada; mas não falou durante muito tempo... O rei Artur, tendo sabido que Hank ousára penetrar no castelo, consultou sobre o caso Merlin o feiticeiro e êste respondeu:

— E' preciso mandar êsse meliante para a fogueira.

O rei Artur aprovou esta decisão e a execução de Hank ia começar, quando êste recordando-se que

tinha sido anunciado um eclipse para êsse dia, ameaçou o rei de deixar-lhe o reino às escuras se êle e Clarence não fossem imediatamente absolvidos. O rei pôs-se a rir, mas quando o eclipse se produziu, não pôde esconder o seu medo e disse a Hank:

— Tu tinhas razão. Dou-te a liberdade e se tu reanimares o sol, recompensar-te-ei.

O sol reapareceu com efeito após o eclipse; o rei Artur manteve a sua palavra: nomeou Hank primeiro ministro.

O jovem mecânico aproveitou o seu poderio para dotar o reino das invenções mais modernas, o que o tornou popular, mas atraíu sobre êle o ódio de Saggy e de Merlin, o feiticeiro.

O novo ministro fazia pouco caso da sua cólera; não pensava senão em soltar a encantadora Alisante, prisioneira da má rainha Morgane. Desafiou Saggy, para um duelo. Saggy mirou com um ar irónico, êste homenzinho que em assunto de duelos não havia de saber grande coisa; mas Hank sabia manejar o laço e servindo-se dêle como um cow-boy, desmontou o cavaleiro e ganhou assim o direito de salvar a princesa.

Partiu para esta expedição em companhia do rei Artur, que tinha nele grande confiança. Mas a rainha Morgane, advertida da sua aproximação por Saggy e Merlin, capturou os dois heróis; todavia quando viu Hank, achou-o tão belo que se apaixonou dêle; mas Hank repeliu a rainha que quasi adoeceu.

Decretou logo que o rei Artur, Hank e Alisante fossem enforcados na praça pública. As três vítimas teriam infalivelmente morrido se Clarence não tivesse presenciado a cêna de avião e bombardeado o castelo da rainha.

Por outro lado os fieis cavaleiros do rei Artur acorreram de automóvel à refrega e alguns instantes mais tarde uma explosão terrível megulhou Hank na cama. Voltou a si quando o speaker da T. S. F. anunciou o fim da peça «O rei Artur».

Hank deixou então o castelo e encontrou os jovens que já vira à sua chegada; emprestou-lhes amavelmente o seu automóvel e enquanto os namorados se afastavam, retomou a pé, o caminho da sua casa, marchando sob a chuva.

FOTOGRAFIA GUEDES

O mais completo Atelier Fotográfico
NEVES GUIMARÃES
346, Rua de Santa Catarina, 350 — Telef. 2860

Robert Gaillard

esteve entre nós!

Na quinta-feira da semana passada apareceu-nos inesperadamente no Pôrto o nosso estimado colaborador Robert Gaillard, redactor do grande diário parisiense *L'Ami du Peuple*, e que da capital de França nos tem enviado alguns artigos sempre interessantes.

A visita de Gaillard encheu-nos de alegria, alegria que sentimos duplamente porque tivemos ocasião de cumprimentar um distinto colega estrangeiro que nós, à excepção de Loubet, não conhecíamos pessoalmente e de constatar que Robert Gaillard é, na mais larga acepção da palavra, um verdadeiro camarada, sempre amável, sempre alegre, sempre bem disposto!

Invicta-Cine lamenta que Gaillard só tenha podido manter-se entre nós pouco mais duma semana, porque, hoje, todos nós sentimos a falta dêsse belíssimo rapaz, vivo, inteligente e franco que connosco conviveu como velho amigo. Mas esperamos que êle tenha levado saúdaes e gratas recordações desta terra que o recebeu de braços abertos... e à qual Gaillard não pou-pou palavras de grande simpatia.

ROBERT GAILLARD

No momento da sua partida, êste nosso amigo e colaborador escreve-nos duas palavras de reconhecimento

Que me autorizem a agradecer antes de mais nada à direcção da *Invicta Cine* e à direcção de *A Montanha*, que me permitam testemunhar publicamente o meu reconhecimento e a minha emoção pelo acólho inesperado de boas-vindas que me estava reservado — assim como a minha mãe — à nossa chegada ao Pôrto; que me seja permitido em seguida render homenagem a todos os meus camaradas portugueses, que espontaneamente me ofereceram o que havia de mais precioso para mim, num país estrangeiro, ao mesmo tempo que a sua amizade e dedicação fraternal; e enfim a todos os habitantes do Pôrto que me seduziram pela sua simpatia tantas vezes manifestada. Que todos, pois, contem com a minha maior gratidão.

Sou chamado imperiosamente a Paris, depois duma semana passada aqui, uma semana que achei bem curta; mas parto com a impressão mais favorável e tão agradável que conto, no próximo ano, voltar cá, passar as minhas férias, com um outro jornalista francês ou mesmo vários. Haverá, sem dúvida, entre êles, um colaborador bem conhecido dos leitores da *Invicta Cine*, Geo Poirier, que eu tive muitíssima pena de não trazer por companheiro, e o jovem escritor francês, um dos mais marcantes, René Davenay.

Creio que será assim a mais bela maneira de lhes provar a minha amizade: dar-lhes a conhecer Portugal. Pois conserva-se para sempre uma recordação inolvidável e encantadora!

Pôrto, 30 de Junho de 1932.

R O B E R T G A I L L A R D .

FRAGMENTOS

Folheando um dos recentes números do «*Cinémonde*» li num artigo de Maurice M. Bessy, o seguinte:

«Que é um filme, afinal, senão um amontoado de probabilidades e improbabilidades? As bobines acumulam-se, frágeis... As imagens vão tomando num halo de luz o valor do seu movimento e a importância que lhe confere a sua ressurreição momentânea. A arte? Um suplemento como no restaurante quando se pede um molho especial!».

De facto, à primeira vista assim parece. Mas a verdade é que, quando o «cosinheiro» é bom, como um Pabst, um Stroheim, ou Chaplin, há sempre a certeza de sair um «molho», agradável. Isto dirá o leitor menos atilado ao encarar estas palavras do jornalista francês. Ele têm todavia muita razão. E' que num molho pódem encontrar-se ligados saborosos elementos que apesar de se constatarem não dão um gosto satisfatório. Tal como em muitos filmes de valor, com merecimentos aqui e acolá, mas que em conjunto não oferecem uma absoluta composição de arte. A arte é rara. Os criticos é que a banalisaram na prolixidade dos seus encómios ou no exagêro da sua compreensão estética.



Robert Gaillard

O Cinema Batalha, há já algumas semanas que se preocupa em dar nos intervalos, através do seu alto-falante écranesco, as várias notícias da última hora, fornecidas por um diário qualquér de Lisboa. A ideia é interessante, mas têm certos inconvenientes, sobretudo no que respeita ao relato de desastres que por vêzes só serve para obscurecer certos espíritos mais susceptíveis e que foram ali procurar uns momentos talvez de alegria.

A semana passada deram a noticia da morte dum negociante desta praça, morte desastrosa quando viajava num automóvel. Vocês imaginem que na sala se encontrava qualquér pessoa de família da vitima... A cêna que se poderia passar...

Os nossos vizinhos de Espanha cujo cinema sempre andou como o nosso, embora com um pouco mais de produção, parece que se resolveram agora a meter tesamente as mãos à obra para a realização de filmes sonoros e falados. Quási ao mesmo tempo que por cá com a fundação da Companhia de Filmes Sonoros Portugueses Tobis Klangfilm, fundaram a *Ecesa*, abreviatura de «Estúdios Cinema Espanhol, S. A.» uma empresa de capital por acções tal e qual a nossa. Em Aranjuez, a uns cincoenta quilómetros de Madrid, lançaram já a primeira pedra para o levantamento dum colossal estúdio onde nada faltará e que pelo projecto que tenho à vista, deve ficar um dos mais notáveis da Europa.

Esta coincidência de ideias, deve pois constituir um estímulo para ambas as partes. Não que nós vamos ter agora a pretensão de produzir mais do que

(Conclue na última página).



A
AGENCIA CINEMATOGRAFICA
H. DA COSTA, L^{DA}

APRESENTA

FANTOMAS

NOVA VERSÃO.

FALADA EM FRANCES.

DA POPULAR OBRA CINEGRAFICA

UM SUPERFILME DE AVENTURAS MISTERIOSAS

LUPA

A «ESTRÊLA» DO SUL

(Conclusão)

Réri continuar a sua vida despreocupada de rapariga, perdida lá longe numa ilha da Polynésia, no seio da sua família, prêsa de inocentes intrigas com os seus amores de crianças. Mais cedo ou mais tarde, ela casar-se-à.

F . W . M U R N A U .

N. da R.—O filme *Tabú* que acaba de ser exibido nesta cidade foi o último do grande realizador de *O Ultimo dos Homens* e de *Fausto*. Na própria noite da apresentação do seu filme exótico em Hollywood, morria êle dum desastre — o seu automóvel despenhou-se do alto duma falésia, na Califórnia, vitimando-o.

FRAGMENTOS

(Conclusão)

êles—o que seria certamente impossível dado o nosso mais limitado âmbito de expansão, mas porque poderemos naturalmente e com meios mais ou menos idênticos, confeccionar películas de qualidade que se imponham lá e cá. Os espanhóis contam com o mercado de Portugal. E nós devemos contar portanto com o mercado espanhol. Eis uma reciprocidade louvável.

J . A L V E S D A C U N H A .

Direitos proibitivos para a entrada de filmes na Alemanha

O Conselho do Reich aprovou um projecto de lei applicando o sistema dos contingentes aos filmes estrangeiros. Esse projecto restringe ainda mais o direito das firmas estrangeiras de filmar na Alemanha. Estipula-se, além disso, que as sincronizações dos filmes estrangeiros tem que ser feitas na Alemanha.

O que o nosso colega António Lourenço da revista «Cinéfilo» diz do fonofilme «O Tio Sam na Côte do Rei Artur»

«Eis um filme com o qual não é possível experimentar-se a mais ligeira sensação de cansaço. Pelo contrário, o seu constante bom humor, como a espontaneidade e a transbordante fantasia dos seus belos episódios, primorosamente conduzidos num ritmo sadio e gracioso, proporcionaram à plateia momentos de franca hilariedade.

«Integralmente falada em inglês, esta deliciosa comédia, com o seu fundo de farsa, repleta de condimentos de diversão e originalidade, está destinada a alcançar um grande êxito junto de todos os públicos, já porque se apresenta bem interpretada, já, também, porque a maravilhosa realização de David Butler permitiu atingir um resultado tão admirável como irresistível. Não deve, pois, causar nenhuma admiração o facto de êste filme reúnir tantos elementos de agrado, a principiar pela urdidura do argumento.

«A anedota construída em volta dum sonho que Hank, modesto empregado duma casa de T. S. F. tem, conduz-nos, por entre extraordinárias e inverosímeis peripécias, à côte de Artur, rei da Bretanha, no século VI. Daí em diante o filme não se pôde descrever. A história e a civilização modernizam-se, pela intromissão de inventos do século XX, como o telefone, o automóvel, o auto-giro, o «tank», a espingarda-metralhadora, etc. Hank conquista a amizade do rei, que o elege seu primeiro ministro, e ao qual confia, também, o encargo de exterminar os seus inimigos, missão que êle leva a cabo por entre gargalhadas e lampejos de tragédias.

«O desempenho, que é deveras notável, reúne Will Rogers, um dos príncipes do bom humor; William Farnum, uma das maiores celebridades do teatro americano; Maureen O'Sullivan e Myrna Loy, na irmã do rei».

De regresso a Paris

Com destino à capital francesa, abandonaram ontem Lisboa os artistas da «Ufa» que se encontravam entre nós a filmar várias passagens do filme *Stupéfiants*.

BONUS

Oferecido aos leitores da INVICTA CINE
||||| pelas Ex.ªªª Empresas dos Cinemas: |||||

AGUIA D'OURO

50 % de desconto em todos os lugares na matinée do dia 9 de Julho de 1932.

OLYMPIA

50 % de desconto em todos os lugares nas matinées dos dias 7 e 9 de Julho de 1932.

O D E O N

50 % de desconto nos lugares de Fauteuilles e Balcão no dia 9 de Julho de 1932.

As crianças que por ventura forem acompanhadas do portador deste B O N U S, não têm direito a entrada gratuita.

A GUIA D'OURO

apresenta na próxima segunda
feira o fonofilme mais original
e cómico de todos os tempos

Tio Sam na Côrte do Rei Artur

Uma interessante produ-
ção com o famoso actor
comediante Will Rogers
secundado por Myrna
Loy, Maureen O'Sulli-
van e Willian Farnum.

== Um fonofilme de absoluto agrado ==

CASTELO LOPES, LIMITADA

a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos

apresenta brevemente
no elegante cinema

AGUIA D'OURO

a super produção da "United Artists,,

A FERA AMANSADA

COM OS FAMOSOS ARTISTAS
DOUGLAS FAIRBANKS
E MARY PICKFORD

Grandioso fonofilme baseado na
comédia de W. Shakespeare
